

O PODER E AS RELAÇÕES AFETIVAS NO MOVIMENTO ESPÍRITA

Dori Vania da Costa Cunha¹

“Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: ‘Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra’ porquanto o Senhor lhes dirá: ‘Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!’ ” (O Espírito de Verdade, O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap.XX, item 5.)

1- INTRODUÇÃO

A experiência no movimento espírita é oportunidade singular de crescimento intelectual, emocional e espiritual. Discorrer sobre qualquer assunto que atravessa esta realidade requer discernimento e sabedoria, uma vez que, as considerações ganham significados à medida que os indivíduos vivenciam este contexto.

Estabelecer limites ou impor regras inflexíveis sobre o que se deve ou não dizer, contribuem apenas para gerar desagregação, pois os indivíduos não se sentem à vontade para expor suas reflexões, ou ainda esclarecer suas dúvidas, que são processos naturais no amadurecimento de todo agrupamento humano.

Permutar idéias requer a criação de um espaço físico e emocional capaz de gerar laços de afinidade entre seus membros. É através do compartilhamento de práticas e conhecimentos que os indivíduos desenvolvem entre si confiança mútua, recíproca benevolência e sentimentos de fraternidade que os unem sob a égide da caridade cristã.

Com isso, ao discorrer sobre o poder e as relações afetivas no movimento espírita, é imperioso considerar que existe o compromisso individual e coletivo sobre a necessidade de debater e trocar idéias. Estes assuntos muitas vezes, são ignorados por não se ter recursos suficientes ou adequados para dialogar de maneira terna, bondosa e autêntica.

Para formar a grande família espírita capaz de partilhar opiniões e criar homogeneidade de sentimentos, mesmo com pontos de vistas divergentes, é indispensável, nos relacionamentos de uns com os outros, estar imbuído do espírito de tolerância e caridade.

Assim, o objetivo central deste trabalho é proporcionar reflexão em torno das relações interpessoais e institucionais, estabelecidas pelo movimento espírita, visando identificar a presença de relações de poder ou de relações afetivas como foco prioritário.

2- DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS ESPIRITAS

A Doutrina Espírita atravessou momentos distintos para assentar-se como manifestação religiosa e movimento organizado.

¹ Trabalhadora do Centro Espírita Rebanho João Batista, Manaus, Amazonas.

Kardec narra na conclusão de O Livro dos Espíritos, no item V, que o desenvolvimento das idéias espíritas apresenta três períodos: o primeiro chamado de período da curiosidade, o segundo o período do raciocínio e da filosofia e o terceiro o período da aplicação e das conseqüências.

No primeiro período percebemos que este dá origem ao surgimento do Espiritismo na Terra. Com a manifestação dos espíritos através dos fenômenos de ação magnética sobre os corpos inertes, têm início as investigações kardequianas sobre o assunto. Através da utilização de métodos rigorosos, próprios do conhecimento científico de que se faz portador, Kardec observa, registra, cataloga e sistematiza as diversas instruções dadas pelos espíritos, culminando num conjunto regular e metódico denominado: O Livro dos Espíritos. Compreendemos então, o estabelecimento dos fundamentos filosóficos e científicos de uma doutrina racional.

No segundo período encontramos a construção teórica e a propagação do Espiritismo através da disseminação das idéias e da compreensão pormenorizada de seus aspectos mais amplos. Com a publicação das obras básicas e lançamento de obras complementares, a Doutrina Espírita ganha escopo teórico assentando-se sobre bases que demandam avanço intelectual. Ao mesmo tempo, conquista adeptos que se configuram em torno de grupos de estudos, colimando em pequenos organismos sociais que exigem estruturas institucionais regularmente constituídas. Vemos com isso o surgimento do movimento espírita organizado.

Com o terceiro período abrem-se as portas para a aplicabilidade dos princípios doutrinários e suas conseqüências nos aspectos intelectuais e morais da humanidade. Aplicar o conhecimento espírita significa vivenciá-lo, em seus diversos contextos sociais, contribuindo para a transformação do homem em um ser mais ditoso e feliz. Bezerra de Menezes, no livro Compromissos Iluminativos, define que o Espiritismo em seu segundo século chama-se ação, convidando-nos a implantar definitivamente o reino de Deus na face da Terra. Este chamado diz respeito à ação espírita em sociedade, a maneira que o movimento espírita está articulado visando assegurar esta implantação. Temos então, a concepção dos diversos núcleos, grupos, casas, fundações, postos de assistência, associações, federações enfim, um rol de modelos institucionais criados para dar conta deste objetivo maior.

Entretanto, Kardec esclarece no livro Obras Póstumas, na mensagem Credo Espírita, que o aspecto social tem sua chave no melhoramento moral dos indivíduos e, mais adiante, estabelece que quando os homens forem bons organizarão boas instituições. Logo, estas considerações convidam-nos a uma reflexão em torno dos modelos institucionais estabelecidos pelo movimento espírita, visando identificar o foco das prioridades das ações espíritas. Compreendemos que o conhecimento da Doutrina Espírita em sua esfera mais sublime é iluminar consciências e lenir corações, então, utilizando o método socrático, interrogamos: nossos corações estão unidos ou apenas comungamos atividades?

3- PARÂMETROS NORTEADORES

Para avançar no desenvolvimento destas idéias importa estabelecer três parâmetros como norteadores das nossas considerações:

Primeiro, no Opúsculo Orientação ao Centro Espírita, o Conselho Federativo Nacional, recomenda que as instituições espíritas observem em seu funcionamento, o reconhecimento da vivência do evangelho de Jesus Cristo como o objetivo a ser

atingido pela humanidade. Analisando de modo mais profundo, pode-se dizer que as diversas atividades desenvolvidas nas instituições espíritas constituem objetivo meio e não objetivo fim destas organizações. O objetivo fim caracteriza-se pela vivência do evangelho do Cristo. Assim, todas as atividades institucionais, em suas mais diferentes formas, devem assegurar a concretização desta máxima.

Em segundo lugar, compreende-se que é através do desenvolvimento dos componentes emocionais, sobretudo do amor que ocorrerá a legitimação da vivência do evangelho nos corações humanos, e isso só é possível por intermédio das relações afetivas entre seus seguidores. Disso resulta as considerações do Espírito de Verdade: Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento.

Por terceiro, considera-se que as todas ações que priorizam os meios em detrimento dos fins caracterizam derivações do egoísmo humano. Os conflitos identificados através da ambição, da inveja, do ciúme, do orgulho e de outras mazelas que sofrem as relações sociais, manifestam a predominância da vida material sobre a vida moral. E, a presença sutil do egoísmo nos organismos sociais é chamada de poder, aqui compreendido no sentido de dominação.

4- ANÁLISE DAS RELAÇÕES

Assentados os parâmetros, propomos a utilização de repertórios verbais, facilmente encontrados no movimento espírita, para ilustrar as considerações sobre o foco das ações, contemplando quatro dimensões do contexto spiritista. Primeiro, importa observar como as atividades internas da casa espírita relacionam-se entre si. Segundo de que modo os trabalhadores se relacionam com as atividades que participam. Terceiro como os trabalhadores constroem vínculos afetivos entre si. E por último, de que maneira a instituição como um todo cria laços de comunhão emocional com as demais instituições.

Na primeira dimensão, o relacionamento interno das diversas atividades, ouve-se comentários do tipo: “A atividade X é mais importante que atividade Y” ou “A prioridade da instituição é a atividade X”. Examinando estas colocações podemos encontrar uma inversão dos meios e dos fins institucionais. Ora, se o princípio norteador é a vivência do evangelho de Jesus, estar nesta ou naquela atividade é questão de forma. Resta-nos então perceber quais os refinamentos do egoísmo presentes nestas afirmativas. Buscar esta forma e não outra possui relação com o meu melhoramento moral? O hábito do questionamento pode levar-nos a perceber que o móvel de nossas ações no âmbito do trabalho espírita muitas vezes é orientado para fazer atividades e não viver os princípios morais do Cristo.

Direcionando nossas considerações para a segunda dimensão, as relações entre os trabalhadores e as diversas atividades, podemos ouvir algumas frases como: “Participar da atividade X exige mais estudo” ou “Eu não tenho tempo suficiente de Doutrina para assumir tal cargo ou atividade”. Neste contexto queremos destacar dois aspectos: a) a escassez de compreensão da atividade como processo e; b) a percepção de que assumir determinadas funções na casa espírita representa, status social ou “sucesso espiritual”. Para entender a atividade como processo é necessário realizá-la, pois é no exercício da atividade que ocorrem o desenvolvimento dos aspectos emocionais indispensáveis para promover a mudança interior. No aspecto da percepção das funções, ocorre uma subversão do que isso representa institucionalmente. O fato de ocupar determinado cargo não

concede ao seu ocupante características morais superiores ou inferiores, e sim revela uma disposição interior para tornar-se melhor. Percebemos, então que existem alguns requintes do egoísmo presentes nestas colocações distorcidas que tisonam a visão dos indivíduos.

No terceiro aspecto que versa sobre as relações entre os trabalhadores, encontramos afirmativas do tipo: “Eu não quero estar na atividade com fulano porque ele é uma criatura perniciosa” ou “Fulano não tem condições morais para estar nesta ou naquela atividade”, denotando a presença do julgamento pessoal. O julgamento do outro tem origem no orgulho e, o ponto delicado da presença do orgulho é a crença pessoal na superioridade moral. Dar-se conta deste elemento nas relações entre os trabalhadores é trabalho árduo e intenso. É necessário exercitar o não julgamento, com vistas a aproximar o indivíduo do verdadeiro sentido da caridade.

E por ultimo, vamos analisar a quarta dimensão que diz respeito às relações entre as instituições. Afirmam-se comumente: “A instituição X está realizando atividades paralelas e/ou antidoutrinárias” ou “A instituição X precisa estar adesa ao órgão de unificação para fazer parte do movimento espírita”. Resta-nos indagar: Qual o modelo institucional mais adequado para que o homem possa melhorar-se moralmente? De que forma as atividades desenvolvidas prejudicam o melhoramento moral das pessoas? As instituições espíritas estão conscientes da necessidade de servir e amar diante dos desafios próprios da imaturidade dos grupos? Acreditamos que não há antagonismos entre aqueles que querem fazer o bem. A diversidade da forma é vestimenta pueril que perde sentido diante do objetivo comum: o amor a Deus e a prática do bem conforme assevera Kardec, na Conclusão de O Livro dos Espíritos.

5- CONCLUSÃO

Diante do exposto, concluímos que a linguagem utilizada nas interações espíritas denota, muitas vezes, que o foco das ações priorizam relações de poder e dominação ao invés de relações afetivas. A expropriação do saber do outro, de suas práticas, de suas diferentes formas de buscar o melhoramento moral certifica a presença do egoísmo na articulação social do movimento espírita. As instituições espíritas necessitam examinar com atenção e dialogar sobre esta realidade, criando ambientes favoráveis para que o desenvolvimento de suas ações seja o reflexo da afetividade recíproca. As diretrizes que norteiam estas práticas, no âmbito do movimento espírita, estão consolidadas no processo de unificação. Unificar é mais do que estar junto é convite à verdadeira dinâmica do amor.

O desafio de transformar as relações de poder em relações afetivas e fraternas é tarefa urgente. É na estimulação de sentimentos mais elevados que o ser individual cresce, fomentando mudança no organismo social. O foco das ações do movimento espírita deve concentrar-se na vivência e no estabelecimento do amor entre os homens, e não em criar formas sutis e variadas de atividades para enaltecer nosso personalismo. Colaborar para o melhoramento das massas e, por consequência promover a regeneração social assegurando a felicidade na Terra, é compromisso pessoal e intransferível, desenvolvido nas relações afetivas.

Uma vez garantida a mudança do foco das ações do movimento espírita, a aplicabilidade dos princípios doutrinários e suas consequências nos aspectos

intelectuais e morais da humanidade é consequência inevitável. A literatura espírita colabora para a ampliação dos horizontes desse conhecimento, favorecendo o progresso intelectual, entretanto, somente através da vivência do amor, engendrada nas relações afetivas, é possível avançar moralmente, aprofundando o olhar humano para o infinito de suas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao Centro Espírita*. 4 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

FRANCO, Divaldo Pereira. *Compromissos Iluminativos*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. Salvador, BA: LEAL, 1991.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 24^a. ed. bolso. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

_____. *O Livro dos Espíritos*. edição comemorativa. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

_____. *Obras Póstumas*. 27^a. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

OBRAS CONSULTADAS

SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo História e Poder (1938-1949)*. Londrina: PR, Eduel, 2205.

KARDEC, Allan. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 39^a. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

_____. *O Livro dos Médiuns*, ou, guia dos médiuns e dos evocadores. 9^a. ed. bolso. Rio de Janeiro: FEB, 2006.